

DENTISTAS

Número de médicos dentistas aumentou 73% numa década

O número de médicos dentistas ativos aumenta todos os anos, mesmo nos anos de recessão e com uma forte subida da emigração.

RICARDO SANTOS FERREIRA
rferreira@jornaleconomico.pt

O número de médicos dentistas em Portugal aumentou 73% nos últimos 10 anos, para 10.688 inscritos na Ordem dos Médicos Dentistas (OMD), no final de 2016. No ano passado, o crescimento foi de 6,5%. Esta evolução tem sido constante, verificou-se em todos os anos da última década, mesmo no período de crise económica e financeira que Portugal atravessou. Nos três anos – entre 2010 e 2013 – em que Portugal esteve continuamente em recessão, o número de inscritos cresceu 18%, para 9.220 médicos dentistas, segundo os “Números da Ordem”, um estudo elaborado anualmente pela OMD e que reúne os principais indicadores sobre os profissionais da área.

Esta evolução faz com que Portugal seja dos países com maior densidade de médicos dentistas por habitante na União Europeia. Segundo os dados indicados pela OMD, relativos a 2012, Portugal tinha um médico dentista por cada 1.348 habitantes, um rácio superior a países como Bélgica, França, Holanda, Reino Unido ou Espanha, em que existia um médico dentista por cada 1.623 habitantes. A saturação é significativamente maior na área metropolitana de Lisboa, onde o rácio é de um médico dentista por 1.035 habitantes, em Coimbra, onde é de 877 e, mais ainda, na área metropolitana do Porto, onde é de 760.

Dados mais recentes, do Eurostat, indicam que Portugal é o sétimo país da UE no número de médicos dentistas por cada 100 mil habitantes, no ranking liderado

pela Grécia, com 126.

A OMD diz que o rácio de habitantes por médicos dentistas em Portugal já ultrapassa a média definida pela Organização Mundial de Saúde e que a situação só não é mais grave devido à emigração (ver entrevista com o bastonário da OMD, Orlando Monteiro da Silva, nestas páginas).

Mas mesmo só considerando o número de médicos dentistas ati-

vos – que estão inscritos na OMD e exercem a profissão – regista-se um crescimento de 69,7% nos últimos 10 anos, para 9.388. Mais uma vez, o crescimento foi constante e, quando consideramos os anos de recessão económica e de aplicação do programa de resgate, notamos uma expansão de 17,9% no número de membros ativos da OMD.

E é verdade que o crescimento da emigração tem sido significativo. Diz a OMD que esta tem sido a principal razão apontada para os médicos dentistas pedirem a suspensão da inscrição na Ordem. O número de membros da OMD inativos mais do que duplicou na última década, passando de 630, em 2006, para 1.300, em 2016. Só no ano passado, o crescimento registado foi de 18,7%, face a 2015.

Os principais destinos de emigração são o Reino Unido e França. Atualmente 12% dos membros da OMD têm a sua inscrição suspensa. Diz a Ordem que se trata de “um número sem precedentes”.

Se olharmos para o número de inativos há mais de cinco anos – um indicador dos profissionais que dificilmente regressarão à profissão –, observamos que aumentou 12 vezes numa década, totalizando 724 no final do ano passado.

Acresce que, segundo os dados dos “Números da Ordem”, não se trata de uma profissão envelhecida. A média de idades dos médicos dentistas a exercer em Portugal é de 38 anos, havendo 4.206 médicos dentistas com menos de 35 anos. Apenas 253 médicos dentistas tinham mais de 60 anos. E, diz a OMD, atualmente, existem 3.200 alunos inscritos no mestrado integrado de medicina dentária lecionado em sete faculdades nacionais. ■

Se olharmos para o número de inativos há mais de cinco anos – um indicador dos profissionais que dificilmente regressarão à profissão –, observamos que aumentou 12 vezes numa década



ENTREVISTA ORLANDO MONTEIRO DA SILVA
Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas

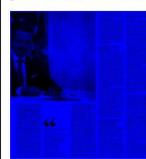
“É imperativo criar mecanismos para acesso à medicina dentária”

Em entrevista ao Jornal Económico, o bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas, Orlando Monteiro da Silva, analisa os principais constrangimentos que afetam o desenvolvimento da atividade em Portugal e explicita os caminhos para se encontrarem soluções. Considera fundamental que se criem mecanismos para transformar as necessidades de cuidados de

saúde oral em capacidade e acesso à medicina dentária. Mas avisa que, para resolver problemas, é necessária vontade política e lealdade entre os parceiros.

Como analisa a evolução do mercado e quais são os principais constrangimentos identificados?

Eu não falaria em mercado, mas



em mercados. Há quatro décadas, para não irmos mais atrás, Portugal fez uma opção de, dentro do seu sistema de saúde, dar uma clara preponderância ao Serviço Nacional de Saúde, a vertente pública. Portanto, temos um referencial no setor da saúde que não se orienta primariamente por lógicas de mercado livre. Também nessa mesma fase, por opção política, o Estado, o "dono" do SNS, optou por excluir a saúde oral. Uma opção bizarra, que hoje se comprova ter tido custos irreparáveis. Sobre tudo ao nível da iliteracia e do acesso a cuidados médico-dentários nesta área. Hipotecou uma saúde plena de muitos portugueses por várias gerações.

Numa lógica, não de concorrência, mas de suprir uma lacuna existente na prestação de cuidados de saúde, os médicos dentistas que se iam formando com esforço privado, grande empreendedorismo e sem subsídios, refira-se, foram abrindo consultórios e clínicas. Podemos afirmar que, hoje, esta malha pri-

“

O excesso de médicos dentistas é um problema. Levou a fenómenos com que não estávamos habituados a lidar. A emigração e o subemprego são questões que não podemos deixar de ter em conta

vada cobre a quase totalidade do território nacional. Nalguns casos está até mais próxima das populações que o próprio Estado.

Verificamos de alguns anos a esta parte que o número de médicos dentistas formados em Portugal aumenta muito acima das necessidades e, sobretudo, da procura de cuidados de saúde oral do país. Mais, o rácio de habitantes por médicos dentistas em Portugal ultrapassa muito a média definida pela Organização Mundial de Saúde. Portanto, a formação de profissionais não acompanha minimamente as necessidades do país, apesar do Barómetro Nacional de Saúde Oral de 2015 revelar que 46,7% dos portugueses não consultam um médico dentista há mais de um ano, sendo que 7,7% não o faz há pelo menos 5 anos e que 34,3% nunca visita o médico dentista ou apenas o faz em caso de urgência. Portanto, temos, por um lado, uma classe numerosa, que tem uma das formações mais evoluídas do mundo e, por outro, uma

grande parte da população que não tem acesso a estes cuidados, pelo facto do poder aquisitivo e da literacia serem baixos.

Estes continuam a ser os grandes constrangimentos, que condicionaram e continuarão a condicionar a evolução do mercado. Mesmo com a medida que o atual governo está a implementar de colocar médicos dentistas no SNS, será um processo lento, pelo que é imperativo criar mecanismos adicionais de transformação das necessidades de cuidados de saúde oral em capacidade efetiva de acesso à medicina dentária.

Como o período de crise económico afetou o sector em Portugal?

Afetou como afetou todos os setores. As profissões qualificadas em particular. Recentemente, a OMD consultou a classe sobre esta e outras matérias. As conclusões do "Diagnóstico Profissionais de Medicina Dentária" mostram que, entre os médicos dentistas que mencionam uma quebra de consultas, 93% considera que o contexto socioeconómico do país dos últimos anos influenciou esta descida. Mais de 77% dos profissionais tomou medidas para reverter a situação, entre as quais, 35,9% procedeu à implementação de facilidades de pagamento e 30,4% ao ajustamento dos horários de atendimento, só para dar dois exemplos.

Mas já estamos numa tendência de subida. Partindo deste estudo podemos afirmar que sustentadamente a recuperação existe. O relato de 39,2% dos inquiridos indica que o número de consultas manteve-se estável no último ano. Há 46% de médicos dentistas que afirma ter registado um aumento de doentes nos consultórios, sendo que em 75% destes casos houve um aumento superior a 11%.

A sensibilização para a saúde oral, em que nós, Ordem, temos apostado e outros agentes do setor também têm investido, está a frutificar.

O que considera deve ser feito para resolver o problema de excesso de médicos dentistas em Portugal?

A nossa posição é pública e clara: redução das vagas de faculdades públicas e privadas; aumentar a aposta no ensino pós-graduado e especializado; e aumentar as vagas para alunos oriundos do Espaço Económico Europeu.

O excesso de médicos dentistas é um problema. Levou a fenómenos com que não estávamos habituados a lidar. A emigração (que nem sempre é forçada, pois a geração Erasmus marcou muitos jovens médicos dentistas) e o subemprego são questões que não podemos deixar de ter em conta. E nós, OMD, tivemos sempre uma pos-

tura atuante. Lá está, dentro do nosso quadro de competências e discretamente, porque somos responsáveis.

Os diversos players do setor, apesar de já termos forçado essa situação, nunca se sentaram todos à mesma mesa. Para criar soluções, não para assinar protocolos de boas intenções que por aí se ficam. Ministérios como o da Saúde, mas também da Educação e da Economia terão que estar nesta mesa; assim como as universidades, públicas e privadas; as entidades reguladoras das diversas áreas; os partidos políticos; os utentes, que são o centro das preocupações e os representantes da classe. Daí que a OMD tenha apresentado uma proposta ao Conselho Consultivo da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), no sentido de ser ouvida no processo de atribuição de vagas nas faculdades, pois são as ordens que fazem o registo dos profissionais e que têm maior conhecimento do mercado de trabalho.

Há ainda a considerar que, de acordo com "Os Números da Ordem 2017", 20% dos estudantes de medicina dentária são estrangeiros, sobretudo oriundos de França, Espanha e Itália. Esta é uma oportunidade a explorar pelas faculdades em Portugal, porque permite reduzir o número de alunos portugueses sem perda de receita. Seria uma forma destas instituições, públicas e privadas, contribuírem para a minimização do problema flagrante que é o excesso de médicos dentistas.

O que tem feito a Ordem para ajudar a encontrar soluções?

Parte da resposta já foi dada: partir para uma responsabilização positiva de todos os agentes do setor. Já há vários anos, continuamente, temos lutado para que tal aconteça e defendido o seguinte: primeiro, alargar o programa cheque-dentista aos mais carenciados; depois, organizar uma rede de serviços de medicina dentária nos cuidados de saúde primários e nos hospitais do SNS; seguidamente, assegurar para a generalidade da população, totalmente desprotegida no que respeita à saúde oral, a implementação de um seguro de saúde público, uma convenção para todos os portugueses nos moldes da que existe na ADSE para os funcionários públicos e seus familiares, aproveitando a rede de clínicas e consultórios de medicina dentária distribuídos por todo o país.

Promovemos encontros com todos os parceiros, produzimos estudos e documentos que certamente, pela sua qualidade, podem contribuir para construir uma plataforma sólida de evolução do setor. Haja vontade política e lealdade de todos os envolvidos. ●